



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

ANDRESSA MILENA SOARES CUTRIM

**Um olhar sobre as práticas avaliativas na Educação Infantil: o caso de
uma instituição pública de Educação Infantil em Tocantinópolis- TO**

**TOCANTINÓPOLIS/TO
2026**

ANDRESSA MILENA SOARES CUTRIM

Um olhar sobre as práticas avaliativas na Educação Infantil: o caso de uma instituição pública de Educação Infantil em Tocantinópolis- TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Infantil e práticas pedagógicas da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, para obtenção do título de Pós-graduada em Educação Infantil e práticas pedagógicas.

Área de Concentração: Educação Infantil

Orientadora: Dra. Juliane Gomes de Sousa

TOCANTINÓPOLIS/TO
2026

Folha de Aprovação

**UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O CASO DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE EDUCAÇÃO
INFANTIL EM TOCANTINÓPOLIS- TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Infantil e Práticas Pedagógicas. Foi avaliado para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil e Práticas Pedagógicas e aprovado em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 31/ 08/ 2026

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^a. Juliane Gomes de Sousa – Orientadora – UFNT

Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araujo – Examinador - UFNT

Prof. Dr. Thiago de Melo Barbosa – Examinador – UFNT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S676o Soares Cutrim , Andressa Milena .

Um olhar sobre as práticas avaliativas na Educação Infantil: o caso de uma instituição pública de Educação Infantil em Tocantinópolis-TO / Andressa Milena Soares Cutrim . - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2026.

26 f.

Artigo de Especialização (Especialização - Especialização em Educação Infantil) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Juliane Gomes de Sousa.

1. Avaliação da Aprendizagem.. 2. Avaliação mediadora. . 3. Educação Infantil. .

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter sido meu sustento em cada etapa desta caminhada, dando-me força e discernimento para seguir mesmo diante das dificuldades.

Ao meu marido, Lucas da Silva, meu maior apoiador e incentivador, que esteve ao meu lado em cada momento desse processo, acreditando em mim muitas vezes mais do que eu mesma acreditei, e que tornou meus dias mais leves com sua paciência e seu cuidado.

A minha mãe, Antônia Gizelia, que sempre priorizou meus estudos acima de tudo, sendo exemplo de força e dedicação, e a quem devo grande parte de quem sou hoje.

Aos meus irmãos, Israel Soares e Adalberto Neto, pelo carinho, incentivo e presença ao longo dessa trajetória.

A minha rede de apoio, Marcia Luz, Terezinha Luz e Lara Feitosa que cuidou com dedicação do meu maior tesouro sempre que precisei em mais essa etapa da minha formação.

Aos meus amigos, em especial Rhadija Gracyelle e Luiz Alexandre, por me apoiarem nos estudos e por estarem sempre dispostos a ouvir minhas angústias e minhas dores, tornando esse percurso menos solitário.

Às colegas de Pós-graduação, Poliene, Lorrany, Yasmin e Silvane, por terem estendido a mão sempre que precisei, tornando essa caminhada acadêmica mais leve e compartilhada.

Aos meus professores, por toda a paciência e dedicação ao longo dessa formação.

A minha orientadora, Juliane Gomes, por ter me ensinado, ainda na graduação, o verdadeiro sentido de uma educação emancipadora, e por continuar sendo, até hoje, uma inspiração para minha prática e minha caminhada como educadora.

Por fim, ao meu filho, Liam Luz, a força por quem me ergo todos os dias, e a quem dedico não apenas este trabalho, mas cada passo da minha trajetória. A você todas as minhas conquistas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 METODOLOGIA.....	10
2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS	11
3. PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
4. AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO É FEITA?	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A – Entrevista realizada com as professoras.....	25

Um olhar sobre as práticas avaliativas na Educação Infantil: o caso de uma instituição pública de Educação Infantil em Tocantinópolis-TO

Andressa Milena Soares Cutrim

RESUMO

A avaliação da aprendizagem na Educação Infantil constitui um processo contínuo de acompanhamento do desenvolvimento da criança, distinto da lógica classificatória existente nas demais etapas de ensino. Este artigo buscou compreender a relação dos professores com a avaliação nessa etapa, considerando os objetivos e os instrumentos utilizados no processo avaliativo. A pesquisa, de abordagem qualitativa e do tipo exploratória, foi desenvolvida em uma escola pública de Tocantinópolis- TO, com duas turmas de Jardim II, por meio de observações em sala de aula e entrevistas semiestruturadas com as professoras regentes. Os resultados apontam uma diversidade de compreensões e práticas avaliativas entre as docentes. Dentre os instrumentos avaliativos, a observação se destacou como o mais utilizado e o de maior efetividade no acompanhamento do desenvolvimento das crianças. Conclui-se que apesar do amplo leque de instrumentos disponíveis, a observação se constitui como central para uma avaliação sensível na Educação Infantil.

Palavras – chave: Avaliação da Aprendizagem. Educação Infantil. Avaliação mediadora. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The evaluation of learning in Early Childhood Education constitutes a continuous process of monitoring child development, distinct from the classificatory logic present in other stages of education. This article sought to understand teachers' relationship with assessment at this stage, considering the objectives and instruments used in the evaluative process. The research, with a qualitative and exploratory approach, was conducted in a public school in Tocantinópolis-TO, with two Kindergarten II classes, through classroom observations and semi-structured interviews with the lead teachers. The results indicate a diversity of understandings and evaluative practices among the teachers. Among the assessment instruments, observation stood out as the most widely used and the most effective in monitoring children's development. It is concluded that, despite the wide range of instruments available, observation constitutes the central element for a sensitive assessment approach in Early Childhood Education.

Keywords: Learning Assessment. Early Childhood Education. Mediating Assessment. Child Development

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil nem sempre ocupou, no Brasil, o lugar que hoje lhe é reconhecido dentro do sistema educacional. Por muito tempo, creches e pré-escolas estiveram vinculadas a uma função predominantemente assistencialista, voltada ao cuidado e à guarda das crianças enquanto seus responsáveis trabalhavam, sem que houvesse uma intencionalidade pedagógica clara nesse atendimento. Foi somente com a Constituição Federal de 1988 que a criança passou a ser reconhecida como sujeito de direitos, e apenas com a promulgação da LDB nº 9.394/1996 que a Educação Infantil se consolidou como primeira etapa da Educação Básica, o que contribuiu para o rompimento da ideia de que se tratava apenas de um espaço de assistência social.

Essa mudança de paradigma trouxe implicações diretas para o modo como se compreende a avaliação nessa etapa de ensino. Historicamente, a avaliação escolar esteve atrelada ao que Luckesi (2005) convencionou chamar de “pedagogia do exame” uma lógica classificatória, pontual e excludente, herdada dos demais níveis de ensino, na qual o aluno é julgado a partir de resultados fixos e comparado a padrões definidos previamente.

Transpor esse modelo para a infância, entretanto, se mostra inadequado, uma vez que a criança pequena não aprende de forma linear e não pode ter seu desenvolvimento reduzido a categorias fixas de aprovação ou reprovação. Diante disso, pensar a avaliação na Educação Infantil exige do professor uma mudança de postura, sendo ela menos preocupada em classificar e mais voltada a acompanhar, registrar e compreender o percurso singular de cada criança.

Hoffmann (2020) alerta para os riscos de se reproduzir, na Educação Infantil, uma lógica avaliativa herdada dos demais níveis de ensino, pautada pela tensão constante da prova e do teste. Para a autora, a criança não deve estar submetida a uma sensação permanente de julgamento, essa crítica reforça a ideia de que a avaliação, nessa etapa, precisa se afastar de qualquer caráter de exame, assumindo, ao contrário, uma postura de acolhimento e de escuta sensível às manifestações da criança.

Essa concepção de avaliação, portanto, exige do educador uma disposição contínua para observar, refletir e (re)planejar sua prática, respeitando o tempo e o ritmo próprios de cada criança. Como destaca Hoffmann (2020), o espaço pedagógico que valoriza a criança deve ser espontâneo, seguro e desafiador, favorecendo a exploração

livre e o desenvolvimento em ritmo próprio, sem pressões ou expectativas externas impostas pelos adultos.

No decorrer da minha experiência na Educação Infantil, pude observar a relevância do estudo sobre a avaliação contínua, uma vez que essa metodologia permite ao professor acompanhar e observar individualmente o desenvolvimento de cada criança, identificando potencialidades e dificuldades ao longo do processo. A partir dessa observação, torna-se possível oferecer a cada estudante atividades que aprofundem ou desenvolvam de forma mais detalhada as habilidades necessárias, respeitando o modo particular como cada um se desenvolve e considerando, no processo de ensino-aprendizagem, as diferenças individuais entre as crianças.

Dessa forma, a avaliação contínua favorece a construção de práticas educativas mais inclusivas e eficientes, na medida em que possibilita ao educador conhecer, de perto, as habilidades e as dificuldades específicas de cada criança, direcionando sua intervenção pedagógica de maneira mais assertiva.

Apesar dos avanços legais e teóricos que sustentam essa concepção, ainda existem lacunas entre o que está previsto nos documentos oficiais e aquilo que, de fato, se concretiza na rotina escolar. A escolha dos instrumentos avaliativos, a frequência de seu uso e o sentido atribuído a cada prática de observação e registro variam conforme a formação, a experiência e a própria concepção de infância de cada docente, o que reforça a necessidade de investigar essa relação dentro da realidade das escolas.

Diante desse cenário, a presente pesquisa buscou compreender, de modo geral, como é a relação dos professores com a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil, considerando os objetivos e os instrumentos utilizados no processo avaliativo. Especificamente, a pesquisa teve como objetivos: Identificar as percepções dos professores sobre a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil; descrever os instrumentos utilizados no processo de avaliação da aprendizagem das crianças na Educação Infantil e; entender os objetivos e finalidades do uso de procedimentos avaliativos na primeira etapa da Educação Básica.

Deste modo, os resultados da investigação deram origem ao presente artigo que está estruturado em cinco seções, sendo elas: esta introdução, que além de apresentar a temática do estudo, descreve o caminho metodológico percorrido. Na segunda seção, são discutidas as aproximações conceituais entre avaliação e Educação Infantil. A terceira seção apresenta as percepções das professoras entrevistadas sobre a avaliação, dialogando com as observações realizadas em sala de aula. Por fim, na quarta seção é descrita como

a avaliação é efetivamente realizada no cotidiano escolar, a partir dos instrumentos utilizados pelas docentes, seguida das considerações finais do trabalho.

1.1 Metodologia

A escola Mãe Eduvirgens fica localizada no município de Tocantinópolis- TO, foi construída no ano de 1970 e inaugurada em 31 de dezembro do mesmo ano, iniciando suas atividades em 1980 com o atendimento integral de 80 crianças. No primeiro semestre do ano de 2026, a instituição atendia 123 alunos, distribuídos em dois turnos: 55 no turno matutino e 68 no turno vespertino, contando com duas turmas de Jardim I e duas turmas de jardim II em cada períodos. A unidade dispõe de seis salas, sendo uma delas sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), além de cantina, refeitório, parquinho, pátio aberto, secretaria e sala de professores.

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa de campo, que consistiu em investigar os fatos junto a pessoas e instituições em seu contexto natural, tendo como suporte uma revisão bibliográfica sobre o tema investigado. Para Fonseca (2002, p. 32), “A pesquisa de campo caracteriza-se pela investigação em que, além da pesquisa bibliográfica e ou/ documental, se realiza coleta de dados junto à pessoa, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa”.

Adicionalmente, a pesquisa assume caráter exploratório, cuja finalidade fundamentou-se em realizar uma aproximação inicial com o objeto estudado e obter descrições qualitativas acerca dele, utilizando, para tanto, a observação e a entrevista como instrumentos de produção de dados. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato, sendo realizada, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado. O autor classifica ainda a entrevista e a observação como técnicas centrais de produção de dados nesse tipo de investigação.

Foram realizadas visitas à instituição para observações em sala de aula no primeiro semestre de 2026. Para composição do corpus observacional, foram selecionadas duas turmas de Jardim II, por constituírem a última etapa da Educação Infantil. A escolha por essa etapa justifica-se, ainda, pelo fato de a instituição contar com apenas duas turmas de Jardim II por turno, o que permitiu contemplar a totalidade das turmas dessa etapa disponíveis no período pesquisado. A Turma denominada neste artigo como “A” era composta por 16 alunos frequentes, a Turma “B”, por 10 alunos frequentes.

Em cada turma foram realizadas cinco sessões de observações em dias alternados, durante uma hora e trinta minutos cada, totalizando dez sessões. No decorrer das observações, os pontos considerados relevantes para os objetivos desta pesquisa foram registrados em caderno de campo.

A entrevista foi realizada no dia 22 de março de 2026, de forma presencial e individual, com as duas professoras regentes das turmas de Jardim II “A” e “B”, observadas durante a pesquisa de campo. Para preservar a identidade das participantes, elas serão identificadas como P1 e P2. O instrumento adotado foi a entrevista semiestruturada, com registro por meio de gravação de áudio.

As perguntas do roteiro de entrevista foram elaboradas pela pesquisadora, buscando compreender a relação das docentes com a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil, considerando os objetivos e os instrumentos utilizados no processo avaliativo. Todo o procedimento foi conduzido em conformidade com as normativas nacionais de ética em pesquisa, com destaque para Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Conforme afirma Esteban (2010), a avaliação da aprendizagem pode ser compreendida como um processo intencional, sistemático e orientado pela análise e interpretação de informações sobre os conhecimentos, atitudes e capacidades dos estudantes, trata-se de um processo em que se busca “Produzir conhecimento para orientar a tomada de decisões relativas ao processo educacional” (Esteban, 2010, s/p). Nessa perspectiva, destaca-se que o ato de avaliar não se reduz a verificação de resultados, mas envolve compreender como os estudantes aprendem, considerando dimensões cognitivas, sociais e históricas que atravessam o ato educativo.

Historicamente, a avaliação escolar esteve associada à aplicação de provas, atribuição de notas e comparação entre alunos. Entretanto, tais práticas não atendem às especificidades da infância, uma vez que as crianças aprendem em ritmos diferentes e constroem conhecimentos por meio das brincadeiras, das descobertas e das interações sociais. Nesse contexto, torna-se necessário repensar o papel da avaliação, compreendendo-a como um processo mediador e formativo.

Hoffmann (2014) diz que a avaliação mediadora se destina a acompanhar, entender, favorecer e promover o desenvolvimento da criança. E não tem o objetivo de simplesmente julgar resultados, mas compreender o caminho percorrido pelo educando em sua relação com o conhecimento. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador, refletindo continuamente sobre sua prática pedagógica e reorganizando suas ações a partir das necessidades apresentadas pelos alunos.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) representou um marco na organização da educação brasileira, especialmente ao definir a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Antes disso, a educação para crianças pequenas era vista como um espaço assistencialista, desvinculado da concepção pedagógica. A legislação de 1996, entretanto, consolidou o reconhecimento da Educação Infantil como um direito das crianças e um dever do Estado, enfatizando seu papel formativo integral.

Segundo a LDB 9.394/1996, a Educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Essa definição amplia o entendimento de que o processo educacional nessa etapa não se resume à preparação para o Ensino Fundamental, mas constitui uma fase com identidade própria, cujo foco é a construção de experiências significativas que promovam o bem-estar, a interação e a aprendizagem da criança. Nesse sentido, a legislação reafirma que a Educação Infantil é um espaço de cuidado e educação compreendidos de forma indissociável.

A legislação brasileira, ao situar a Educação Infantil no âmbito da Educação Básica, assegura maior regulamentação, financiamento público e profissionalização do trabalho docente, aspectos essenciais para a garantia de qualidade nesta etapa. E pode favorecer uma abordagem que compreenda a infância como fase singular, marcada por múltiplas linguagens, brincadeiras, descobertas e interações, reconhecendo a criança em sua totalidade e assegurando condições para que ela exerça plenamente sua cidadania desde os primeiros anos de vida.

Sob essa perspectiva, a LDB 9394/96 estabelece que “Art. 31: na Educação Infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental” (Brasil, 1996, p. 16). A diretriz representa um avanço significativo na concepção de avaliação para essa etapa da educação básica, ao buscar romper com a

lógica classificatória e seletiva historicamente presente nos demais níveis de ensino. Nesse sentido, avaliar não significa atribuir notas ou comparar desempenhos, mas observar, documentar e compreender o processo de desenvolvimento integral da criança em suas dimensões cognitiva, afetiva, social e motora.

Hoffmann (2020) propõe uma concepção de avaliação que denomina “mediadora”, cujo eixo central é o acompanhamento individual e não linear das crianças. Segundo a autora, avaliar, na concepção mediadora, envolve a intervenção pedagógica, o que implica em planejar atividades e práticas, redefinir posturas, reorganizar o ambiente de aprendizagem e outras ações, com base no que se observa. Um dos fundamentos da avaliação mediadora é a observação sensível e investigativa da criança.

Avaliar não é fazer um “diagnóstico de capacidades”, mas acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças para planejar ações educativas significativas. Parte de um olhar atento do professor, um olhar estudioso que reflete sobre o que vê, sobretudo um olhar sensível e confiante nas possibilidades que as crianças apresentam (Hoffmann, 2020, p. 32).

Compreender a avaliação como um processo contínuo e mediador é essencial para garantir uma Educação Infantil que promova o desenvolvimento integral das crianças. Deste modo, a observação constitui-se como um dos principais instrumentos avaliativos na Educação Infantil e se faz muito presente na perspectiva da avaliação mediadora. Por meio dela, o professor pode registrar comportamentos, falas, interações, avanços e desafios apresentados pelas crianças durante as atividades. Outros recursos como portfólios, relatórios descritivos, desenhos e registros fotográficos auxiliam na documentação do processo de aprendizagem, permitindo uma avaliação mais sensível e significativa.

Para Hoffman (2008), respeitar a criança é, antes de tudo, compreender seu tempo de aprender, suas hipóteses, suas formas de expressão e sua maneira própria de construir conhecimentos, quando validamos isso a avaliação passa a fazer sentido de formas individuais para cada criança. Avaliar, dessa maneira, significa acompanhar atentamente cada passo do educando, observando suas manifestações, valorizando suas conquistas e buscando alternativas pedagógicas que favoreçam seu desenvolvimento integral. O ato de avaliar deve estar comprometido com o cuidado, com o diálogo e com objetivo da aprendizagem.

A avaliação mediadora valoriza a criança como sujeito ativo da aprendizagem, reconhecendo que cada uma apresenta ritmos e formas diferentes de desenvolver

conhecimentos. Dessa maneira, o professor atua como organizador do processo educativo, refletindo constantemente sobre suas práticas pedagógicas para atender às necessidades observadas no cotidiano escolar, assim a avaliação deixa de possuir um caráter classificatório e passa a contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadas e significativas.

3. PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A avaliação da aprendizagem, na Educação Infantil, exige do educador uma postura que vai muito além da verificação de habilidades ou conteúdos assimilados. Luckesi (2005), defende que avaliar é, em sua essência, um ato amoroso, pois implica em acolher o educando em sua realidade concreta, reconhecendo suas potencialidades e necessidades sem julgamentos ou classificações.

Essa concepção se manifesta com especial relevância na Educação Infantil, fase em que a criança está em plena construção de sua identidade, de sua autonomia e de suas primeiras formas de compreender o mundo. Acolher, nesse contexto, significa olhar para cada criança em sua singularidade, respeitando seu ritmo, sua história e suas formas próprias de expressar e aprender, transformando o ato avaliativo em um gesto de cuidado e comprometimento genuíno com o seu desenvolvimento integral.

Avaliar com amor, como propõe Luckesi (2005), é reconhecer a criança pequena como um sujeito de direitos e de capacidades e não um objeto de medição. O autor distingue, ainda, a avaliação de uma simples verificação, argumentando que verificar consiste em uma ação que congela o objeto avaliado em um momento pontual, enquanto avaliar o direciona numa trilha dinâmica de ação, orientada para a transformação e o avanço do educando.

Na Educação Infantil, essa distinção torna-se ainda mais significativa, pois o desenvolvimento da criança nessa etapa é marcadamente processual, fluído e multidimensional, não podendo ser capturado por registros estáticos ou instrumentos classificatórios. Avaliar nessa fase significa, portanto, acompanhar continuamente a criança em suas conquistas e dificuldades, utilizando os dados obtidos não para julgá-la, mas para redirecionar a prática docente em função de suas reais necessidades, consolidando a avaliação como um ato genuinamente pedagógico e comprometido com o pleno desenvolvimento humano.

Considerando o exposto, o **Quadro 1**, logo abaixo, apresenta informações sobre a formação acadêmica das professoras entrevistadas, tempo de atuação docente na Educação Infantil e a experiência profissional na educação. Tais informações são relevantes para contextualizar a visão das entrevistadas sobre o tema da pesquisa e suas vivências em sala de aula.

Segundo Tardif (2002), os saberes docentes são construídos ao longo da trajetória profissional, sendo a experiência prática uma fonte fundamental de conhecimento que molda e transforma a atuação do professor ao longo do tempo. Dessa forma, a diferença no tempo de atuação entre as professoras pode ser uma variável significativa para a compreensão das diferentes percepções, apresentadas pelas entrevistadas, sobre a avaliação na Educação Infantil.

Quadro 1- Perfil de formação e experiência profissional das professoras

Professora	Formação	Tempo de docência na Educação Infantil	Experiência profissional na Educação
Professora regente da Turma A (P1)	- Magistério - Normal Superior-UFT - Pós-graduada em Gestão Escolar.	Iniciou a docência em 2000 já na Educação Infantil. 21 anos na Educação Infantil.	Primeira experiência foi em uma turma multisseriada de Pré I, Pré II e alfabetização em Tocantinópolis- TO. Passou cinco anos no Fundamental I e retornou para Educação Infantil em 2019.
Professora Regente da Turma B (P2)	Pedagogia-UFT	Iniciou a docência em 2018 já na Educação Infantil. 8 anos na Educação Infantil.	Primeira experiência foi em uma turma multisseriada de Jardim I e Jardim II integradas, na zona rural de Tocantinópolis- TO. Passou o pós- pandemia nessa turma.

Fonte: Entrevista com as professoras (2026).

A P1 relata que considera a Educação Infantil uma fase do ensino sensível e delicada, baseando sua afirmação na comparação com sua experiência no Ensino Fundamental. Segundo ela, ambas as fases necessitam de sensibilidade, mas a Educação Infantil além de ensinar conteúdo também ensina a viver, regular emoções, reconhecer sentimentos e mostrar a criança como se posicionar como indivíduo no mundo, exigindo do professor um perfil acolhedor.

Durante a entrevista as professoras foram questionadas: “Como você entende a avaliação na Educação Infantil, especialmente no jardim II?” A P1 relata:

A avaliação serve como uma base para entender o caminho que devo percorrer, ao fazer uma atividade que talvez não dê certo, ou não alcance o que eu imaginei que iria alcançar, eu posso recalcular a rota e propor atividades diferentes para aquela turma.

A afirmação da professora encontra respaldo em uma situação observada durante a segunda sessão de observação na Turma “A”, na qual a professora regente propôs uma atividade de reconhecimento e associação das letras do alfabeto a palavras correspondentes às suas iniciais. Para a realização da atividade, a professora organizou os alunos em um círculo na sala, cada aluno individualmente deveria selecionar uma letra, realizar o seu reconhecimento e associar o som da letra a uma palavra iniciada por ela.

A professora ao perceber que a atividade não atingiu o objetivo previamente estabelecido, identificando dificuldades dos alunos em estabelecer a associação entre o som, a letra e a palavra, redirecionou a atividade, reorganizando a proposta a partir de uma avaliação tanto individual quanto coletiva da turma. Esse episódio ilustra de forma concreta o caráter dinâmico e contínuo da avaliação na Educação Infantil, evidenciando como o olhar avaliativo do docente, quando sensível às respostas das crianças, torna-se um instrumento fundamental para o replanejamento das ações pedagógicas.

Já a P2 ao responder a mesma pergunta, afirma entender a avaliação na Educação infantil como: “*Importante para acompanhar o desenvolvimento da criança, saber em qual nível ela está e a partir disso avançar.*” Ambas as professoras reconhecem na avaliação um ponto de partida para o planejamento de novas ações pedagógicas, e não a busca pelo resultado final ou pelo produto acabado, considerando o desenvolvimento da criança. Hoffmann (2020) reforça essa compreensão ao defender que avaliar nessa etapa consiste em acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças com vistas ao planejamento de ações educativas significativas, afastando-se de qualquer perspectiva classificatória.

Para Luckesi (2005), a avaliação, em sua essência, não se encerra na verificação pontual do que o educando sabe ou não sabe, mas se orienta para uma trilha dinâmica de ação, voltada para a transformação e o avanço contínuo do sujeito. Dessa forma, o docente pode recalcular e mudar sua prática a partir do que se mostra necessário durante o dia a dia em sala, a observação ativa e atenta dentro de sala permite que o docente reconheça as potencialidades e as dificuldades na sua prática.

Durante a primeira sessão de observação na Turma “A”, no momento destinado ao conto, a professora regente realizou a leitura da história “Criança não Mente”. A atividade ocorreu no pátio da escola, com as crianças organizadas em círculo, havendo um momento de participação ativa dos alunos após a leitura. Ao término da atividade, a professora relatou que a proposta inicial, registrada em seu plano de aula, previa a contação de uma história diferente, contudo, diante de um acontecimento específico envolvendo um aluno, optou por utilizar o momento para ressaltar a importância da honestidade e os impactos que a prática da mentira pode gerar.

Essa atitude evidencia uma postura pedagógica sensível e atenta às demandas reais da turma, indo ao encontro do que Hoffmann (2020) defende em sua obra, ao argumentar que o trabalho na Educação Infantil não deve ser pautado por roteiros rígidos e inflexíveis, mas sim por um planejamento aberto e atento às manifestações e necessidades das crianças, capaz de ser reorientado sempre que a realidade da sala de aula exigir.

4. AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO É FEITA?

Compreender como se dá a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil requer observar as práticas concretas desenvolvidas pelas professoras em sala de aula, uma vez que esse processo não se limita a instrumentos formais, mas se manifesta em diferentes momentos do fazer pedagógico.

Para a prática da avaliação da aprendizagem nessas duas fases de desenvolvimento do ser humano, cuidadores e professores necessitarão de ter domínio a respeito dos modos de agir próprios dessa faixa de idade e, em consequência, atenção aos seus atos, tendo em vista verificar a adequação ou inadequação de suas condutas, seja ela do ponto de vista físico, neurológico, cognitivo ou afetivo (Luckesi, 2018, p.158).

Para realizar a avaliação da aprendizagem são utilizados alguns instrumentos. No contexto da Educação Infantil, destacam-se a observação sistemática, o registro reflexivo, o portfólio e os relatórios descritivos, os quais se diferenciam substancialmente dos instrumentos empregados nas demais etapas da educação básica. A partir dessa compreensão, a educadora precisa recorrer a estratégias que identifiquem indícios do desenvolvimento infantil por meio de manifestações espontâneas, como o brincar, a interação social e a expressão corporal entre outros momentos que se tornam objeto de análise contínua.

A utilidade dos instrumentos de avaliação está diretamente relacionada à sistematicidade com que são aplicados, visto que registros pontuais ou isolados pouco contribuem para a construção de uma visão integral sobre a trajetória da criança. A frequência e a organização criteriosa dos registros, realizados ao longo do processo educativo, permitem não apenas identificar avanços e dificuldades no percurso formativo, mas também as tomadas de decisões pedagógicas mais assertivas por parte do professor.

Diante do exposto, o **Quadro 2**, apresentado a seguir, reúne informações referentes aos instrumentos de avaliação utilizados pelas professoras entrevistadas; os instrumentos por elas considerados mais relevantes; a frequência de aplicação em sala de aula e; as formas de compartilhamento das informações com as famílias.

Quadro 2 – Instrumentos de avaliação utilizados pelas professoras, critérios de relevância, frequência de aplicação e formas de comunicação com as famílias

Professora	Instrumentos de avaliação utilizados	Instrumentos considerados mais relevantes	Frequência de aplicação em sala de aula	Formas de compartilhamento das informações com as famílias
Professora regente da Turma “A” (P1)	Observação do brincar direcionado, rotina diária, plano de aula, sequência didática com avaliação diagnóstica por bimestre, registros sistematizados e relatório descritivo.	Observação	Diariamente	Compartilha os registros quando necessário, para alinhar com a família e a direção.
Professora Regente da Turma B (P2)	Observação, rotina diária, portfólio, sequência didática com avaliação diagnóstica por bimestre, relatório descritivo, registros sistematizados e registros digitais.	Registros digitais das atividades e portfólio.	Diariamente	Compartilha os portfólios semanalmente com a família.

Fonte: Entrevista com as professoras (2026).

Gandini, Edwards e Goldhaber (2002 *apud* Pinazza; Fochi, 2018, p. 151) chamam atenção para o fato de que a documentação pedagógica não pode se reduzir a um levantamento distante e descompromissado. Ao contrário, os autores defendem uma observação atenta e uma escuta cuidadosa por parte do educador, que pode registrar de

diferentes maneiras, deixando transparecer nesse processo sua própria leitura e perspectiva sobre o que observou. Ao falar sobre observação a P2 relata “*Eu observo no dia a dia, com as brincadeiras em sala de aula e atividade que desenvolvemos consigo acompanhar o desenvolvimento dos alunos.*”. Já a P1 diz:

Eu considero a observação o instrumento mais eficaz para alcançar algum resultado, sem observar meu aluno no dia a dia eu não consigo planejar ou fazer uma sequência didática individual. O professor não pode ser distraído, essa é a realidade, após entrar na escola é necessário está atento a tudo. Não é fácil, chega a ser exaustivo observar cada reação individual, como uma ida ao banheiro, que pode ser uma necessidade ou algo psicológico do aluno, a sala é muito dinâmica cada aluno tem uma ação e reação diferente o tempo todo por isso se torna tão exaustivo, mas pela prática de tantos anos em sala de aula eu aprendi o manejo. O professor deve ser curioso para observar os alunos e alcançar os resultados. Sem conhecer um aluno é impossível produzir um planejamento ou propor algo para ele.

A observação como instrumento de avaliação vai além do simples ato de ver. Nesse sentido, mais do que exercer o papel de observadora, cabe à professora compreender o olhar da criança, o que exige, além do estudo teórico, o exercício constante de colocá-la no centro da situação, buscando enxergar o mundo a partir de sua perspectiva. Quando conduzida dessa forma, a avaliação deixa de ser apenas um julgamento e passa a se constituir como um instrumento para compreender o universo infantil e criar possibilidades de intervenção que favoreçam seu desenvolvimento.

Para minimizar a caráter subjetivo, é preciso que o processo avaliativo supere a visão unilateral e gere a cooperação entre os elementos de ação educativa. A cooperação entre os adultos que lidam com as crianças envolve, de cada um, exercício da descentração, a coordenação da diversidade de pontos de vista e a ampliação do entendimento sobre a infância (Hoffman, 2020, p. 90).

A diversidade de instrumentos avaliativos disponíveis permite que o professor selecione aqueles que melhor se adequam à sua prática, seja em função de uma escolha metodológica pessoal, seja considerando as características da turma ou as necessidades específicas de um estudante. Essa flexibilidade é fundamental, pois cada criança se expressa e se desenvolve de maneira singular, exigindo do educador sensibilidade para adaptar suas estratégias de avaliação. Hoffmann (2014) destaca que o processo avaliativo é, por natureza, subjetivo, uma vez que toda situação avaliada é interpretada por quem avalia, e que justamente por isso o olhar do professor precisa contemplar as singularidades de cada educando, diversificando suas estratégias sem discriminar, rotular ou desrespeitar as diferenças entre os alunos.

O portfólio se destaca entre os instrumentos avaliativos por permitir o registro contínuo e processual do desenvolvimento do aluno, reunindo produções, registros fotográficos, relatos e demais evidências construídas ao longo do tempo. Ao reunir diferentes tipos de produção, o portfólio favorece uma leitura mais ampla do processo de aprendizagem, respeitando o ritmo individual de cada criança e valorizando sua individualidade. Apesar disso muitos professores encontram desafios ou não veem sentido em sua utilização, a escolha de utilizar ou não um instrumento é particular de cada professora.

Os portfólios têm por objetivo documentar as experiências e interações das crianças em vários contextos, favorecendo o acompanhamento do professor sobre as mudanças ocorridas ao longo de determinado tempo. A interpretação e a análise do professor asseguram a continuidade do processo educativo, a compreensão das necessidades e interesses de cada criança de forma a promover novas e diferentes experiências e atividades ou a reformular o currículo (Hoffman, 2020, p. 119).

Ao serem questionadas sobre o uso do portfólio como instrumento avaliativo, as professoras entrevistadas revelaram percepções distintas sobre o real objetivo do instrumento de avaliação *“Eu não acho necessário, apesar da escola orientar que a gente tenha, mas eu considero o portfólio um acúmulo de papel, se eu colocar no portfólio as atividades no fim do ano não irá me servir para a próxima turma, cada turma é diferente”*. Essa fala evidencia uma compreensão do portfólio associada apenas ao acúmulo de registros físicos, desconsiderando sua função processual de acompanhar a trajetória individual de cada criança.

Já a P2 apresenta uma compreensão diferente: *“Eu faço os blocos de atividades semanal, e envio no fim da semana para os pais acompanharem o que está sendo trabalhado”*. O posicionamento da professora demonstra uma preocupação com a comunicação constante entre escola e família, ainda que sua estratégia não configure, propriamente, um portfólio no sentido processual e reflexivo do termo. As duas falas mostram uma lacuna na compreensão do portfólio como instrumento de avaliação formativa, sendo tratado ora como burocracia dispensável, ora como mero informativo às famílias, distanciando-se de sua função essencial de registrar e refletir sobre o percurso de aprendizagem de cada criança.

Para Hoffmann (2020), o portfólio deveria relatar o processo de construção do conhecimento da criança, revelando sua trajetória de aprendizagem ao longo do tempo. No entanto, a autora observa que, na prática, isso nem sempre ocorre. Muitos dos portfólios recebidos pela autora consistem, na verdade, naquilo que considera uma

simples “pasta de trabalhos” das crianças, utilizada exatamente da forma relatada pela P2 como um conjunto de atividades entregue aos pais ao final do semestre, sem que se configure, de fato, um instrumento de acompanhamento processual da aprendizagem.

Durante a entrevista com as professoras, fui apresentada a um instrumento de avaliação utilizado pela escola, denominado “Sequência Didática com Avaliação Diagnóstica por Bimestre”. Esse instrumento é uma orientação da Secretaria de Educação, com o objetivo de avaliar a evolução dos alunos ao longo de cada bimestre. As atividades são enviadas pela própria Secretaria, já definindo o tema e a proposta a ser desenvolvida em cada turma. Antes de aplicar a avaliação final, as professoras trabalham o tema proposto durante um período determinado, utilizando estratégias como contação de histórias, brincadeiras e jogos, para somente depois aplicar a avaliação escrita e em desenho, conforme solicitado pela Secretaria de Educação.

A avaliação na Educação Infantil, possui finalidade específica e distinta das demais etapas de ensino, como já explicitado, sendo compreendida legalmente como um processo de acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem caráter classificatório, seletivo ou de promoção, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Dessa forma, cabe ao professor um papel central na condução do processo avaliativo, uma vez que é ele quem observa, registra e interpreta as atitudes, desenvolvimento e aprendizagem das crianças no cotidiano escolar.

Observa-se que, entre os diversos instrumentos avaliativos disponíveis na Educação Infantil, a observação se consolidou como o mais utilizado e valorizado pelas professoras participantes da pesquisa, sendo apontada tanto por P1 quanto por P2 como um dos principais meios de acompanhar o desenvolvimento das crianças no cotidiano escolar. Diferentemente de instrumentos formais e pontuais, a observação permite ao professor captar, em tempo real, as manifestações espontâneas dos alunos, ajustando sua prática pedagógica conforme as necessidades identificadas em sala.

Essa preferência das docentes reforça o que defende Hoffmann (2020) sobre avaliação mediadora, evidenciando que, mesmo diante de outros instrumentos é o olhar atento e constante do professor, exercido no dia a dia da sala de aula, que se mostra mais efetivo para compreender e favorecer o desenvolvimento integral da criança nessa etapa da Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentado no início do presente trabalho, o objetivo da pesquisa foi buscar compreender como é a relação dos professores com a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil, considerando os objetivos e os instrumentos utilizados no processo avaliativo. A partir das observações realizadas em sala de aula e das entrevistas conduzidas com as professoras P1 e P2, foi possível constatar que, apesar de partirem de trajetórias profissionais e concepções distintas, ambas reconhecem a avaliação não como um instrumento de julgamento ou de resultado final, mas como um ponto de partida para o replanejamento constante da prática pedagógica, o que dialoga diretamente com a concepção de avaliação mediadora defendida por Hoffmann (2020) e com a ideia de Luckesi (2005) de que avaliar é um ato dinâmico, voltado à transformação e ao avanço do educando e não à sua classificação.

Ao longo do estudo, evidenciou-se ainda que, dentre a diversidade de instrumentos avaliativos disponíveis, a observação se consolidou como o mais utilizado e o mais valorizado pelas docentes participantes, mostrando-se um recurso central para o acompanhamento sensível do desenvolvimento das crianças no cotidiano escolar. Em contrapartida, instrumentos como o portfólio revelaram-se pouco compreendidos em sua função processual, sendo tratados, muitas vezes, como um acúmulo de registros ou como simples meio de comunicação com as famílias, distanciando-se do que se trata o instrumento e a documentação pedagógica.

Da mesma forma, a “Sequência Didática com Avaliação Diagnóstica por Bimestre”, por ser um instrumento definido externamente pela Secretaria de Educação, evidenciou certo distanciamento entre as orientações institucionais e a autonomia docente na condução do processo avaliativo.

Diante desses resultados, entende-se que a relação das professoras com a avaliação da aprendizagem, embora fundamentada em uma postura sensível e atenta ao desenvolvimento infantil, ainda carece de maior alinhamento entre os instrumentos institucionalmente adotados e os pressupostos teóricos da avaliação mediadora. Recomenda-se, assim, que a escola e a rede de ensino invistam em momentos de formação continuada voltados especificamente à compreensão e à ressignificação de instrumentos como o portfólio, de modo que estes cumpram, de fato, sua função de documentar e refletir sobre a trajetória de aprendizagem de cada criança.

Para aprofundar mais sobre o tema, considerando as inúmeras dimensões que nele existem, mostra-se válido buscar mais evidências. O estudo apresenta algumas limitações entre elas, destaca-se o número reduzido de participantes e turmas observadas, o que impede a generalização dos resultados para outras realidades presentes na Educação Infantil. Sugere-se, para pesquisas futuras, a ampliação de turmas, escolas e etapas da Educação Infantil, bem como a escuta das famílias sobre sua percepção acerca dos instrumentos avaliativos utilizados pelas instituições. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a reflexão sobre as práticas avaliativas na primeira etapa da Educação Básica, reafirmando a importância de uma avaliação que acompanhe, mais do que julgue, o desenvolvimento integral da criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

ESTEBAN, M.T. Avaliação da aprendizagem. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2008

HOFFMANN, J. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 23. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2020.

LUCKESI, C. C. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2018.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

PINAZZA, M. A.; FOCHI, P. S. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184-199, maio/ago. 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICE A – Entrevista realizada com as professoras

1. Há quanto tempo você trabalha com a Educação Infantil?
2. Quantas crianças há na sua turma?
3. Você já trabalhou com essa faixa etária antes? Como foi sua experiência?
4. Como você entende a avaliação na Educação Infantil, especialmente no Jardim II?
5. O que você busca observar nas crianças ao avaliar?
6. Quais instrumentos você utiliza para avaliar as crianças? (ex: observação, registros, portfólio, relatórios, fichas, etc.)
7. Qual desses instrumentos você considera o mais importante? Por quê?
8. Você utiliza a observação no dia a dia?
 - Como ela acontece na prática?
 - Você registra essas observações? Como?
9. Sobre os registros escritos: Você faz anotações diárias, semanais ou em outro período?
 - Onde esses registros são feitos (caderno, ficha, sistema, etc.)?
10. Você utiliza portfólio das crianças?
 - O que costuma incluir nele?
 - Com que frequência ele é atualizado?
11. Você elabora relatórios de avaliação? Em que período (bimestral, semestral)?
 - O que você considera ao escrever esses relatórios?
12. Existe algum instrumento padrão da escola (ficha, formulário, modelo)?
 - Você segue totalmente ou adapta? Como?
13. Como os instrumentos de avaliação ajudam no seu planejamento das aulas?

14. Você consegue acompanhar o desenvolvimento individual de cada criança com esses instrumentos? Como?
15. Há diferença na forma como você avalia crianças com ritmos de aprendizagem diferentes?
16. Quais instrumentos você acha mais eficazes para avaliar crianças do Jardim II?
Por quê?
17. Existe algum instrumento que você considera pouco eficiente? Qual?
18. Quais dificuldades você encontra ao utilizar esses instrumentos no dia a dia?
19. Se pudesse mudar algo no processo de avaliação da sua turma, o que mudaria?
20. Você compartilha esses registros com as famílias? De que forma?